

AS “PARTES DA ORAÇÃO” DE DONATO AOS MODISTAS

Lucas Consolin Dezotti¹

lucascdz@gmail.com

RESUMO: O artigo relata as diferentes abordagens da tradição gramatical no decorrer dos séculos IV a XIII, particularmente no que se refere aos critérios de definição e classificação das chamadas “partes da oração”, ancestrais diretos das atuais classes de palavras. Tal relato consiste numa apresentação dos personagens mais relevantes nos estudos gramaticais do período abordado (Donato, Prisciano, Helias, Kilwardby, modistas) e de suas idéias fundamentais, recordando o interesse dos estudos gramaticais tardoantigos e medievais para a história das idéias linguísticas do Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: partes da oração; Donato; Prisciano; modistas.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz um breve relato de um longo percurso de desenvolvimento dos estudos gramaticais, do século IV até o século XIII. Num período de pouco mais de oitocentos anos, entre a decisiva publicação da *Arte* de Donato e a doutrina inovadora dos modistas, a gramática jamais perdeu sua importância como conhecimento fundamental para o acesso à ciência e à língua escrita; porém, seu estatuto, tanto quanto seus fundamentos, foram-se alterando sensivelmente.

Centrados no problema da definição e caracterização das “partes da oração”, equivalentes antigos das classes de palavras atuais, oferecemos aqui mais uma apresentação sucinta dessas etapas e de seus personagens mais célebres, já que um estudo aprofundado não caberia no pequeno espaço deste artigo. Couberam, pois, à bibliografia as indicações necessárias para os que queiram melhor conhecer os estudos gramaticais da Antiguidade e da Idade Média.

¹ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

1. DONATO

Sérvio afirma que Donato foi mais sábio que a maioria dos escritores de arte gramática porque, dentre os diversos assuntos abordados por essa arte, resolveu começar seu tratado pelo estudo das oito partes da oração, que é o único que pertence exclusivamente ao ofício do gramático.² Esse é apenas um dos aspectos³ que explicam como esta obra em especial, escrita entre 340 e 350 d.C., suplantou todas as outras e alterou o modo de produção de manuais de gramática no fim da Antiguidade. De fato, se antes de Donato cada professor fazia seu próprio resumo de gramática ou escolhia entre os vários resumos disponíveis, após Donato a escolha perde o sentido: a *Ars Donati* se impõe como texto básico a partir do qual se pode organizar todo o ensino. De fato, menos de um século após sua publicação (c. 340 d.C.), a arte de Donato passa a ser estudada segundo o mesmo método com que se estudavam os poetas, a exegese. O que se tem então são *commentarii*, isto é, explicações complementares dos professores ao texto extremamente sucinto de sua arte.⁴ Aos poucos seu nome passa a valer como sinônimo de gramática, e no século VIII chega a ser apresentado como inventor de sua própria tradição.⁵

Se o grande diferencial de Donato foi a forma especial de apresentar os preceitos gramaticais, a doutrina em si continua a mesma. Conjugando critérios semânticos e formais, as partes da oração (*partes orationis*) são definidas conforme uma propriedade comum de significação, e descritas segundo suas propriedades formais:

Nome é a parte da oração com caso que significa um corpo ou uma idéia de modo próprio ou comum. ... O nome tem seis acidentes: qualidade, comparação, gênero, número, figura, caso.⁶

² *Plerique artem scribentes a litterarum tractatu inchoauerunt, plerique a uoce, plerique a definitione artis grammaticae. sed omnes uidentur errasse. ... proprie Donatus et doctius, qui ab octo partibus inchoauit, quae specialiter ad grammaticos pertinent.* (Cf. *Grammatici latini...* vol. 4, p. 405).

³ Louis Holtz (1981: 91s) destaca, além dessa antecipação abreviada do estudo das partes da oração, outros três princípios pedagógicos que, se não são novos, foram sistematicamente aplicados por Donato com muito mais rigor que seus predecessores: busca da máxima brevidade, supressão de todas as referências autorais, agrupamento das anomalias no final de cada capítulo. Essa “perfeição formal”, que facilita sobremaneira a memorização da doutrina pelos alunos, é provavelmente o grande motivo do sucesso da *Ars Donati*, bem como o próprio fato de ele ser professor em Roma, e não em uma qualquer província.

⁴ Os principais comentadores da *Ars Donati* são: Sérvio, professor de gramática romano do início do séc. V; Pompeio, professor em Cartago no séc. VI; e o autor das *Explanationes in artes Donati*, atribuídas a um certo Sérgio mas difíceis de localizar e de datar. Toda a difusão e recepção da *Ars* foi estudada por L. Holtz (1981).

⁵ Isidoro de Sevilha, *Etymologiae* 1.6.1: “Aristóteles foi o primeiro a tratar das partes da oração e ensinou serem duas, nome e verbo; depois Donato definiu oito” (*Partes orationis primus Aristoteles duas tradidit, nomen et uerbum; deinde Donatus octo definiuit*) (Apud Holtz (1981): 258s). Um testemunho mais antigo (Quintiliano, *Institutio oratoria* 1.4.20) cita o nome de Aristarco da Samotrácia (c. 180 a.C.) como um dos pioneiros da divisão em oito partes; entre os textos que expõem essa doutrina, o mais antigo que conhecemos é a *Tékhnē grammatiké* (c. 140 a.C.), atribuído a Dionísio Trácio, um aluno de Aristarco.

⁶ *Nomen est pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans. ... Nomini accidunt sex: qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, casus.* (Donato, p. 614).

Em seguida, cada um dos acidentes é dividido em diferentes espécies, que, às vezes, são acompanhadas de exemplo.⁷

2. PRISCIANO

No início do século VI, a pedagogia gramatical já tinha adotado por toda parte o manual de Donato, e Constantinopla não é exceção. Quando Prisciano assume sua cadeira de gramático, a *Ars Donati* está nas mãos de seus alunos. Não por acaso, em suas obras só há sinais de deferência a Donato: além de citá-lo como uma autoridade gramatical, Prisciano é o primeiro a utilizar o texto da *Ars* como exemplo de fatos de língua, honra que até então era exclusividade dos grandes poetas do passado: o gramático se torna um clássico como Virgílio e Terêncio.

Por outro lado, talvez por viver em Constantinopla, ambiente cultural que não era o do declínio cultural romano, ele soube estabelecer um vivo laço entre a tradição gramatical grega e a latina, o que não ocorria há séculos, desde o *De Lingua Latina* de Varrão (séc. I a.C.). De fato, após um período de estabilidade doutrinal, com os gramáticos latinos reproduzindo, com variações mínimas, as mesmas fórmulas fixadas por Palemão (séc. I d.C.) em sua tradução-adaptação da gramática alexandrina, Prisciano é o primeiro a utilizar uma nova fonte grega (Apolônio Díscolo, séc. II d.C.) para escrever sua gramática, o que representou um “progresso radical pela amplitude das suas perspectivas e pela acuidade de seu sentido linguístico”.⁸

Prisciano não escreve uma *ars*, mas *institutiones*: sua intenção não é didática, mas doutrinária. Os preceitos são acompanhados por reflexões que procuram aproximar a gramática dos estudos lógicos, afirmando como o principal critério distintivo das partes da oração o aspecto semântico, através das “propriedades de significação”.⁹ Com isso, a lista de acidentes passa a contar apenas com as características formais das palavras, pois a qualidade passa a constar necessariamente da definição:

⁷ Segundo LENOBLE e colaboradores (2001: 285s), “o procedimento de descrição das partes da oração vai do aspecto semântico ao formal: no caso do nome, por exemplo, o primeiro acidente descrito é a qualidade, o último é o caso. Aliás, a própria definição traz sempre o aspecto semântico, ao passo que as propriedades formais ou não são mencionadas ou o são de modo seletivo”.

⁸ Holtz (1981): 239.

⁹ “As partes da oração não podem ser discriminadas uma da outra de outro modo a não ser que atentemos para as propriedades de significações de cada uma delas” (*Igitur non aliter possunt discerni a se partes orationis, nisi uniuscuiusque proprietates significationum attendamus*: Prisciano, vol. 2, p. 55, l. 4s).

Nome é a parte da oração que atribui uma qualidade comum ou própria a cada um dos corpos ou das coisas dadas.¹⁰

Dito de outro modo, “é próprio do nome significar a substância e a qualidade”.¹¹

Além disso, à semelhança de seu modelo grego (Apolônio Díscolo), desenvolve estudos sobre a *syntaxis*, isto é, o nível de análise imediatamente superior ao da palavra, que é a palavra em combinação com outras, o que estava apenas implícito nos gramáticos anteriores – de fato, chamar a palavra de “parte da oração” implica em sua existência enquanto componente da oração.

Mesmo que, no geral, a doutrina continue praticamente a mesma da *Ars*, as *Institutiones grammaticae* não se perderam diante da supremacia de Donato. Apenas ficaram em repouso, por assim dizer, dadas as necessidades estritamente pedagógicas do latim no alto-medievo ocidental.

3. AS GLOSULE IN PRISCIANUM

Mas aos poucos a oposição entre Prisciano e Donato começa a se fazer sentir.

No século IX, os comentários a Donato passam a contar com colaborações da exposição de Prisciano, mais especificamente das “propriedades de significação”. É um primeiro indício de que o texto das *Institutiones* já recebia maior atenção dos gramáticos.

Mas é da segunda metade do século XI que datam as *Glosule in Priscianum*, um conjunto de glosas sobre as *Institutiones* que representam o primeiro testemunho de uma nova abordagem gramatical que se desenvolve nas escolas, e que demonstram como Donato vai sendo aos poucos preterido por Prisciano.

Nessas glosas, as definições de Prisciano são minuciosamente analisadas de todos os pontos de vista, para demonstrar que elas cumprem seu papel de definição, isto é, “de permitir que uma parte da oração se distinga das outras por convir a todos os membros da categoria exclusivamente”.¹² Sabe-se que toda parte da oração se caracteriza por certo número de propriedades; porém, percebe-se que algumas propriedades são comuns a várias partes da oração. Diante desse fato, impõe-se uma classificação das propriedades em substanciais e acidentais.

¹⁰ *Nomen est pars orationis, quae unicuique subiectorum corporum seu rerum communem uel propriam qualitatem distribuit.* (Prisciano, vol. 2, p. 56, l. 30ss).

¹¹ *Proprium est nominis substantiam et qualitatem significare.* (Prisciano, vol. 2, p. 55, l. 5)

¹² Rosier (1988): 42.

São propriedades substanciais aquelas que não podem ser suprimidas sem comprometer a própria existência da categoria; no caso do nome, a propriedade substancial é uma propriedade de significação (“significar a qualidade”), já que todo nome é necessariamente próprio ou comum. Propriedades acidentais são aquelas que não participam da definição da categoria; para o nome são o gênero, o número, a espécie, o caso (este último, aliás, costumava constar da definição não só em Donato, mas em quase toda a tradição gramatical antiga). Assim, mesmo que as diferentes classes tenham propriedades em comum, estas podem ser substanciais para umas e acidentais para outras, de modo que não se confundam; o verbo, por exemplo, partilha com o nome adjetivo a propriedade da predicação, mas não se confunde com ele, já que essa propriedade é substancial para o verbo e acidental para o nome.

Além disso, as partes da oração, uma vez definidas por sua significação principal ou substancial, podem comportar, por intermédio de seus acidentes, significações secundárias ou consignificações. O verbo, por exemplo, significa secundariamente ou consignifica tempo, o que não se confunde com a designação de tempo de certos nomes, como “anual”; por outro lado, o adjetivo *branco* significa principalmente a qualidade da brancura, e secundariamente o objeto portador dessa qualidade.

4. PEDRO HELIAS

No século XII, uma outra definição de Prisciano chamou a atenção de Pedro Helias, um importante comentador das *Institutiones*: trata-se da relação entre o conceito de palavra (*dictio*) e o de parte da oração (*pars orationis*).

No início do segundo livro, a palavra é definida por Prisciano como “a menor parte da oração construída”.¹³ Mas se palavra é parte da oração, haveria uma infinidade de partes da oração assim como há uma infinidade de palavras, o que é falso. Na verdade, a crítica incide sobre a ambiguidade da expressão *pars orationis*, que pode designar tanto uma categoria gramatical (acepção metalinguística) quanto uma “parte da oração”, isto é, uma unidade linguística (acepção literal). Para Pedro Helias, nenhuma palavra é uma parte da oração em geral, mas certa parte da oração: pode-se dizer, por exemplo, que *homo* é um nome; por outro lado, também pode-se dizer que o conjunto de nomes é o nome, enquanto classe. O que

¹³ *Dictio est pars minima orationis constructae.* (Prisciano, vol. 2, p. 53, l. 8s).

justifica que se possa predicar a cada uma das palavras e ao conjunto de palavras o mesmo nome de uma parte da oração é que esta se define por seu “modo de significar” (*modus significandi*). Por exemplo, pode-se dizer que o nome possui esse modo de significar que é significar a substância com a qualidade e, ao mesmo tempo, que certo nome significa uma substância com certa qualidade.

Assim, o sintagma “ser uma parte da oração” da definição de Prisciano é glosado por “ter um modo de significar”.

5. ROBERTO KILWARDBY

Em meados do século XIII, Roberto Kilwardby retoma o debate acerca da definição de palavra como parte da oração em seu *Comentário sobre Prisciano*, colocando dois problemas.

Primeiro, deve-se considerar que a palavra (*dictio*) pode existir de duas maneiras: de maneira absoluta ou em combinação com outras.¹⁴ Logo, a palavra deve ser concebida de tal maneira que sua definição como palavra isolada seja compatível com sua ocorrência em um enunciado, isto é, a gramática deve definir suas unidades de modo que elas possam entrar numa construção.

Segundo, que o gramático, tendo por objeto o estudo da oração, deve definir seus constituintes como partes da oração, definição que se aproxima da de Prisciano. Porém, Roberto Kilwardby se opõe frontalmente à definição da parte da oração como unidade significativa,¹⁵ pois a gramática, uma vez que não estuda a significação, e sim a construção dos enunciados, deve definir as palavras não como unidades significativas, mas como “construíveis” (*constructibilis*), dada sua potencialidade de ser uma “parte da oração”.

Com isso, ensaia-se uma distinção entre gramática e lógica, pois, ainda que a unidade mínima das duas disciplinas seja a mesma (a *dictio*), a definição desta unidade em cada uma será diferente, conforme o ponto de vista pelo qual abordam a linguagem. “O gramático considera o verbo sobretudo como um construível; ora, ele só é construível porque tem o potencial (*ratio*) de ser parte da oração; portanto, o gramático define o verbo e todas as palavras como partes da oração. O logicista, por sua vez, considera o nome e o verbo enquanto signos das paixões da alma, conforme o capítulo primeiro do *Da interpretação*;

¹⁴ *Dictio habet esse dupliciter: absolute et in ordine. Apud Rosier (1981): 50.*

¹⁵ *Quid enim est aliud pars orationis nisi uox indicans mentis conceptum ...? (Prisciano, vol. 2, p. 552, l. 1).* A expressão *uox significatiua* é das glosas. (Cf. Rosier 1988: 38).

como esse fato provém do potencial do gênero ao qual pertencem, que é o de ser uma voz significativa convencional, é assim que são definidos.”¹⁶

6. MODISTAS

Esse conjunto de reflexões sobre as *Institutiones* de Prisciano vão servir de pano de fundo para a formulação de uma doutrina bastante original: a gramática dos modistas.¹⁷ Fruto do meio averroísta da Universidade de Paris dos anos 1270, essa doutrina nasceu com um objetivo claro: dotar a gramática de princípios que fizessem dela uma ciência, e não simplesmente uma arte, como era considerada até então.

Segundo a doutrina aristotélica, uma ciência deve ter princípios, um método, um objetivo e um objeto próprios, de modo que se distinga totalmente das outras disciplinas; além disso, deve ter um caráter universal. É preciso, portanto, dotar a gramática de fundamentos sólidos que a tornem uma ciência autônoma, especialmente em relação à lógica. Ora, como dissemos acima, lógica e gramática têm em comum o objeto (a *dictio*), estudado segundo pontos de vista diferentes. Posto que a consciência desta distinção já existia, os modistas procuram fundamentá-la teoricamente.

O objetivo da lógica é separar o verdadeiro do falso; se a verdade tem origem na significação das proposições e das palavras, a significação vem a ser o princípio da lógica e suas unidades são as palavras (*dictiones*) enquanto “vozes significativas”. A gramática tem por fim definir o correto e o incorreto, e é sabido que a correção não tem origem na significação: para o gramático, *homo est animal* (“homem é animal”) e *homo est lapis* (“homem é pedra”) são igualmente aceitáveis; o problema da segunda frase não é gramatical, mas lógico. Distinguindo assim “congruente e incongruente” e “próprio e impróprio”, os modistas encontram nos modos de significar o princípio que permite definir suas unidades apenas como unidades de construção (*constructibiles*) e, além disso, que permita estabelecer regras de construção de enunciados corretos.

O modo de significar é filosoficamente justificado através da duplicação do esquema aristotélico da significação, aplicando-o à noção de consignificação. Grosso modo, pela teoria

¹⁶ *Apud* Rosier (1981): 50-1.

¹⁷ Os principais nomes da gramática modista são os de João de Dácia, Martinho de Dácia, Simão de Dácia, Boécio de Dácia, Tomás de Erfurt, Siger de Courtrai e Radulfo Brito, também conhecido como Raul o Bretão. Cf. Rosier (1984): 117.

aristotélica, as coisas (*res*) que existem absolutamente, no mundo real, tornam-se conceitos através da intelecção, e os conceitos tornam-se signos através da significação. Por outro lado, as coisas podem ser apreendidas de diferentes maneiras, conforme suas propriedades; assim, também as propriedades das coisas (*modus essendi*), que existem absolutamente no mundo real, tornam-se propriedades do conceito (*modus intelligendi*) através da cointelecção e propriedades do signo (*modus significandi* ou *consignum*) através da consignificação.

O modo de significar é, em resumo, o correlato vocal de uma propriedade da coisa. Por exemplo, se as palavras *dolor* (“sofrimento”) e *doleo* (“[eu] sofro”) significam ambas uma coisa em particular, distinta daquilo que as palavras *albedo* (“brancura”) e *albet* (“é branco”) significam, é porque significam a mesma coisa de modos diferentes; cada uma dessas palavras porta, além de seu significado convencional, um modo de significar que corresponde a certa propriedade. Assim, *dolor* e *albedo* consignificam as propriedades de singularidade, de permanência, entre outras que fazem delas nomes substantivos; as palavras *doleo* e *albet*, por sua vez, consignificam propriedades de movimento, tempo presente, entre outras que fazem delas verbos no presente. Por outro lado, se *dolor* e *doleo* se constróem de modo diferentes, evidentemente não é por causa de sua significação, que é a mesma, e sim por causa de seu modo de significar, que é diferente. Haveria assim uma “dupla articulação” da linguagem: de um lado, a voz que significa a coisa; de outro, a voz que consignifica uma propriedade ou um modo de ser da coisa. É apenas o estudo da segunda que interessa ao gramático, pois é o modo de significar que permite constituir as partes da oração enquanto *constructibiles*, enquanto a significação permite constituir palavras enquanto signos.

A partir daí, os modos de significar fundamentam tanto a definição das partes da oração e das categorias gramaticais quanto a formulação das regras de construção dessas partes umas com as outras. Para a primeira tarefa, os modos de significar são subdivididos em essenciais gerais, que definem as oito partes da oração, essenciais subalternos, que enumeram as espécies, e acidentais, que definem os acidentes. Por exemplo, o nome é definido pelo modo do que é (*modus entis*), o verbo pelo modo do ser (*modus esse*); o adjetivo, sendo espécie do nome, é constituído pelo modo do que é e também pelo modo subalterno da adjacência.

A construção, por sua vez, é analisada pelos modistas sempre como uma relação de dependência entre dois construíveis, que podem adotar dois modos: ou inicia a dependência (*dependens*) ou a termina (*terminans*). Por exemplo, a frase *uideo legentem librum* (“vejo-o lendo um livro”) possui na verdade duas construções: a primeira, em que *uideo* inicia a dependência e *legentem* a termina, e a segunda, em que *legentem* inicia a dependência e

librum a termina.¹⁸ Desse modo, cada construção exigirá que seus componentes (isto é, os construíveis) tragam certas propriedades que lhes permitam ocupar as funções de *dependens* ou de *terminans*. Em outras palavras, é necessário que cada um dos dois construíveis tenha modos de significar correspondentes ao seu papel na construção. No exemplo, aliás, *legentem* pode ocupar duas funções diferentes graças a duas propriedades ou modos de significar que ele possui e que são exigidos respectivamente em cada uma delas.

Assim é, em suma, o funcionamento da gramática dos modistas. Os construíveis são definidos por certas propriedades, e certa regra de construção exige certas propriedades do construível que ela comporta, o que só é possível porque tanto os construíveis quanto as regras sintáticas são definidos segundo um mesmo princípio: o modo de significar. Esse mecanismo permite a formulação de regras bastante genéricas, pois as regras são enunciadas segundo as propriedades que requer, e podem ser preenchidas por qualquer construível que as possua, o que sem dúvida é mais genérico do que enumerar as possibilidades. Mais que isso, o fato de o modo de significar corresponder a uma propriedade real da coisa garante duas condições “científicas” fundamentais: por um lado, que o princípio da gramática não seja fictício, por estar baseado nas coisas; por outro, que ele seja universal, já que as propriedades reais são as mesmas em toda parte.

É assim que a gramática modista se define como uma ciência, organizada e definida em cada uma das três partes que compõe seu texto doutrinal, normalmente intitulado *De modis significandi* e dividido em três partes: *Prooemium*, em que se estabelece e se justifica seu princípio fundamental, o modo de significar; *Etymologia*, em que um determinado método – de tipo demonstrativo, pois tudo é deduzido do mesmo princípio – é aplicado para definir e classificar seu objeto, isto é, a parte da oração enquanto construível; e *Syntaxis* ou *Diasynthetica*, em que se estabelecem as regras gerais da construção correta.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se, assim, que os gramáticos modistas retomam a herança clássica, representada por Donato e Prisciano, para criticá-la, reorganizando e reformulando as reflexões anteriores sobre essa mesma herança, de modo a compor uma doutrina nova e singular. De fato, seu critério de definição das partes da oração se afasta não só do critério por assim dizer

¹⁸ O exemplo é de Tomás de Erfurt, *apud* Rosier (1981): 53.

morfológico, que se revela na distinção declinável/indeclinável e na enumeração didática dos acidentes (Donato), mas também dos critérios semântico (Prisciano) e funcional (logicistas), que distinguem entre partes relacionadas ao sujeito e partes relacionadas ao predicado. Sua concepção da linguagem pressupõe a existência de categorias estáveis e permanentes, que entram em funcionamento por meio de regras gerais e universais que independem de variações acidentais (como a diversidade de línguas, de situações, de interlocutores).

Em suma, de todo o percurso ininterrupto de existência da gramática,¹⁹ é no período aqui abordado que a *arte* – como conjunto de preceitos técnicos necessários para se ler, falar e escrever com correção – procura se tornar *ciência*, baseada em princípios fundamentais. Com isso, a gramática se divide em duas: de um lado, a gramática *preceptiva*, “que nos ensina a exprimir um conceito mental de modo congruente por meio de regras determinadas”; de outro, a gramática *especulativa*, “que especula sobre os princípios, as regras e as conclusões da ciência gramatical”.²⁰ É certamente referindo-se a esta distinção que João de Barros afirma:

[Os latinos] partem a sua Gramática em quatro partes – em Ortografia, que trata de letra; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da dicção; e em Sintaxe, a que responde a construção –, à imitação dos quais ... dividimos a nossa gramática. E por que a mais pequena destas partes é a letra, ... vejamos primeiro dela, e daí das outras três, não segundo convém à ordem da Gramática especulativa, mas como requer a preceptiva.²¹

Enfim, uma simples apresentação histórica como esta deve servir de amostra dos “aportes significativos ao desenvolvimento do pensamento linguístico”²² que a Idade Média promoveu, demonstrando-se não um período obscuro e infrutífero, mas como se fosse “o momento em que uma civilização teve lançados seus alicerces, resultando daí sua importância para a compreensão dos períodos posteriores”.²³

¹⁹ Segundo L. Holtz (1981: xi), a *Ars Donati* é o único de todos os textos profanos a sobreviver sem interrupção da Antiguidade à Renascença.

²⁰ Conforme o testemunho de Ludolfo de Luco: *preceptiuam est que docet nos per certas regulas congrue exprimere mentis conceptum; ... dicitur speculatiua quia speculatur principia regulas et conclusiones grammaticalis scientie. (Flores grammaticae siue florista cum commento, códice digitalizado disponível em: < <http://daten.digitale-sammlungen.de/~db/bsb00009312/images/index.html?id=00009312&fip=189.100.32.225&no=1&seite=9> >).*

²¹ Barros (1540): 5. Também publicado em Leite (2007): 229. A modernização da ortografia é nossa.

²² Leite (2007): 115.

²³ É com essas palavras que a historiadora e arqueóloga Maria Beatriz Borba Florenzano descreve a Idade das Trevas grega, período compreendido entre a destruição da milenar civilização micênica pelos dórios, por volta do século XII a.C., e o século VIII a.C., de quando datam os poemas homéricos. O nome se explica pelo fato de uma grande civilização ter sido substituída por um período de declínio acentuado do nível de vida, seguido de uma profunda reorganização sócio-econômica. Daí nossa analogia. Cf. Florenzano (1982): 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa*. Olyssippone (Lisboa): Lodouicum Rotorigium Typographum, 1540. Disponível em <http://purl.pt/12148/3/>; acessado em 18.02.2010.
2. DONATO. *Ars Donati Grammatici Urbis Romae*. In: HOLTZ, Louis. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.
3. FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *O mundo antigo: economia e sociedade (Grécia e Roma)*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (1ª ed. 1982)
4. HOLTZ, Louis. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.
5. KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini ex Recensione Henrici Keilii*. 8 vols. Lipsiae: Teubner, 1880. (Reimpr. Hildesheim: Olms, 1961)
6. LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Paulistana / Humanitas, 2007.
7. LENOBLE, Muriel; SWIGGERS, Pierre; WOUTERS, Alfons. Étude comparative des dénominations de catégories grammaticales dans les textes artigraphiques latins de l'Antiquité. In: COLOMBAT, Bernard; SAVELLI, Marie (eds.). *Métalangage et terminologie linguistique. Actes du colloque international de Grenoble (Université Stendhal – Grenoble III, 14-16 mai 1998)*. 2 vols. Louvain: Peeters, 2001.
8. PRISCIANO. *Institutiones grammaticae*. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini ex Recensione Henrici Keilii*. Vols. 2/3. Hildesheim: Olms, 1961.
9. QUINTILIANO. *Institutio oratoria*. Ed. M. Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1970.
10. ROSIER, Irène. Grammaire, Logique, Sémantique, deux positions opposées au XIIème siècle: Roger Bacon et les modistes. *Histoire Épistémologie Langage*, v. 6, n. 1, 1984.
11. ROSIER, Irène. La notion de parties du discours dans la grammaire spéculative. *Histoire Épistémologie Langage* v. 3, n. 1, 1981.
12. ROSIER, Irène. La théorie médiévale des Modes de signifier. *Langages*, v. 16, n. 65, 1982.
13. ROSIER, Irène. Les parties du discours aux confins du XIIème siècle. *Langages*, v. 23, n. 92, 1988.

RESUMO: O artigo relata as diferentes abordagens da tradição gramatical no decorrer dos séculos IV a XIII, particularmente no que se refere aos critérios de definição e classificação das chamadas “partes da oração”, ancestrais diretos das atuais classes de palavras. Tal relato consiste numa apresentação dos personagens mais relevantes nos estudos gramaticais do período abordado (Donato, Prisciano, Helias, Kilwardby, modistas) e de suas idéias fundamentais, recordando o interesse dos estudos gramaticais tardoantigos e medievais para a história das idéias linguísticas do Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: partes da oração; Donato; Prisciano; modistas.

ABSTRACT: This paper describes the different approaches inside the grammatical tradition from the 4th to the 13th century, especially concerning the defining criteria for the parts of speech (direct ancestors of current word classes). It will serve as a presentation of the most important writers of grammatical works in the referred period (Donatus, Priscian, Helias, Kilwardby, Modists) and their fundamental ideas, recapturing the interest of late antique and medieval grammatical studies for the history of Western linguistic ideas.

KEYWORDS: parts of speech; Donatus; Priscian; Modists.

RESUMEN: El artículo relata los diferentes abordajes de la tradición gramatical en el decorrer de los siglos IV a XIII, particularmente en lo que se refiere a los criterios de definición y clasificación de las llamadas “partes de la oración”, ancestros directos de las actuales clases de palabras. Tal relato consiste en una presentación de los personajes mas relevantes en los estudios gramaticales del periodo abordado (Donato, Prisciano, Helias, kilwardby, Modistas) y de sus ideas fundamentales, recordando el interés de los estudios gramaticales tardoantiguos y medievales para la historia de las ideas lingüísticas de Occidente.

PALABRAS CLAVE: partes de la oración; Donato; Prisciano; Modistas.

Recebido no dia 03 de dezembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 18 de fevereiro de 2010.